

“Tira nós da Aldeinha”

JORNAL DO BRASIL

09 NOV 2007

P. A11

José Samey,
ex-presidente da República,
senador e integrante da
Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

DOMMIGUEL DE UNAMUNO foi um dos pensadores mais populares da minha geração. Seus livros eram lidos, aprendidos e meditados, quando éramos moços. Um deles, na minha primeira mocidade, ginásiano, causou-me grande impressão e maior influência. Chama-se *O sentimento trágico da vida*. Ele fala sobre a busca humana da imortalidade, de

ser eterno, em como fugir da morte, dos sistemas teológicos e filosóficos que nos apontam para a imortalidade da alma, até a ressurreição cristã, de voltar “com as próprias vestes”.

Desse livro, ficou na minha memória sua afirmação de que a pergunta mais profunda do Novo Testamento é a de Pilatos: “O que é a verdade?”.

Pois, nesta semana, em meio ao noticiário de Paquistão, Chávez, CPMF e assaltos, vi na coluna da Mônica Bergamo uma foto meio impressada com uma frase que para mim teve o mesmo impacto que a de Unamuno. É um diálogo do prefeito

de São Paulo com dois jovens abandonados que vão lhe pedir esmolas. Ele respondeu ao primeiro: “Não dou esmolas”; e à segunda, uma menina, que pediu: “Tira nós da favela da Aldeinha”, ele não respondeu. Só o pedido dói. A favela, com seu mundo de drogas e medo, a prostituição infantil, os tiroteios diários, a falta de perspectiva de vida, não pede mais esmola. Pede, como se fosse um grito de misericórdia: “Tira nós da Aldeinha”. A outra solução é a morte nas calçadas da Candelária, tragédia-fuzilamento, hoje esquecida.

Aí está a pergunta não respon-

dida de Pilatos: “O que é a verdade?”. Era o que a Igreja pensava responder na regência moral da sociedade, especialmente das áreas pobres, com os 10 mandamentos de Moisés e a idéia de caridade. Hoje, sumiram os missionários, sumiram os que dão esmolas e os poucos que existem, de tão raros, são considerados heróis. Os púlpitos passaram pelos temas políticos e perderam o discurso dos excluídos. Então, não há como estranhar o fenômeno das seitas.

Essas crianças não pedem esmola porque querem, não vendem chicletes nem param os nossos car-

ros porque são vadias. Elas vêm das Aldeinhas. De lá saem para a guerra suja das ruas, do crack e do roubo.

Falta ao poder público dar suporte à infância: condições de ter família, estudar, viver, e, sobretudo de ter esperança. O mundo mudou, mas a denúncia do *David Cooperfield* e do *Capitães de areia* continua atual. Este mundo das conquistas tecnológicas precisa saber que a vida começa na infância. E nada diz tanto sobre toda a extensão desse problema do que o pedido de Dayane, esta outra que não brilha na ginástica olímpica: “Prefeito, tira nós da Aldeinha”. O direito à liberdade de viver.